



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA

IVAN OLIVEIRA DE ARAUJO FILHO

A INFLUÊNCIA DA PATERNAGEM NO ESTÍMULO E  
MANUTENÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO  
EXCLUSIVO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

João Pessoa - PB

2016

IVAN OLIVEIRA DE ARAUJO FILHO

A INFLUÊNCIA DA PATERNAGEM NO ESTÍMULO E  
MANUTENÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO  
EXCLUSIVO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
apresentado como requisito parcial para obtenção do grau  
de Bacharel em Medicina, à Universidade Federal da  
Paraíba, Centro de Ciências Médicas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Valdevez Araújo de Lima Ramos.

João Pessoa - PB

2016

IVAN OLIVEIRA DE ARAUJO FILHO

**A INFLUÊNCIA DA PATERNAGEM NO ESTÍMULO E MANUTENÇÃO DO  
ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

A Banca examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A INFLUÊNCIA DA PATERNAGEM NO ESTÍMULO E MANUTENÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA” elaborado por Ivan Oliveira de Araújo Filho, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Medicina, à Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Médicas.

**João Pessoa - PB, 02 de dezembro de 2016.**

Banca Examinadora:

---

Dr<sup>a</sup>. Fernanda Dalla Costa

---

Dr<sup>a</sup>. Adriana Karla Correia Oliveira Mangueira

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Valdevez Araújo de Lima Ramos (Orientadora)

## AGRADECIMENTOS

À Deus, a mola mestra de minha vida ao qual credito toda conquista a mim concedida.

Aos meus pais, sertanejos de fibra e integridade, que enfrentaram a vida dando seu sangue e suor, obrigado por serem minha fortaleza e fonte maior do amor que habita em mim.

Ao meu irmão, pela amizade e cumplicidade nos momentos difíceis dessa jornada.

À minha avó Hilda, por me fazer acreditar, através de sua enfermidade e sua luta para viver, que o que fazemos em vida, ecoa na eternidade.

À toda minha família e amigos, que juntos formavam o fervoroso grito da torcida.

Aos professores e colegas, por mostrar-me através de suas condutas e exemplos que acima da profissão médica há uma missão maior, o de salvar vidas!

À minha banca examinadora, formada por grandes profissionais, modelos a serem seguidos em suas áreas de atuação, e incentivadoras da prática do apoio paterno à manutenção do aleitamento materno exclusivo.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Valderez, que se fez presente, companheira e demonstrou alto grau de conhecimento na área de Aleitamento materno, não poderia ter melhor orientação.

À minha esposa "Valleska" e a meu filho "Heitor", por serem a fonte maior de inspiração para este trabalho, ao proporcionarem a imensa felicidade de poder partilhar dos mais belos e intensos momentos de toda minha vida... a paternidade!

**A INFLUÊNCIA DA PATERNAGEM NO ESTÍMULO E MANUTENÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**THE INFLUENCE OF PATERNING IN STIMULUS AND MAINTENANCE OF EXCLUSIVE BREASTFEEDING: A REPORT OF EXPERIENCE**

**Ivan Oliveira de Araujo Filho <sup>1</sup>**

**Valderez Araújo de Lima Ramos <sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Graduando do curso de Medicina do Centro de Ciências Médicas, Universidade Federal da Paraíba - Brasil. Endereço: Rua Cel. Estevão de Ávila Lins, 209 - Cruz das Armas, João Pessoa - PB. Telefone: 988169907. E-mail: ivan.jampa@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora Adjunta do Departamento de Pediatria e Genética, Centro de Ciências Médicas, Universidade Federal da Paraíba - Brasil.

**RESUMO**

O leite materno é o alimento mais adequado para o lactente, de forma exclusiva, até os seis meses de vida, porém, inúmeros fatores têm levado a interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo, seja por fatores que desestimulem a sua manutenção, ou devido a complementação com outras fórmulas de leite modificado. Nesse contexto, o apoio paterno pode contribuir de forma significativa no incentivo e manutenção dessa prática através de sua presença e colaboração. Este estudo teve como objetivo demonstrar através da análise de um relato de experiência a influência da paternagem no estímulo e manutenção do aleitamento materno exclusivo, tendo em vista as principais dificuldades enfrentadas pelos pais nesse período bem como as estratégias que podem ser implementadas para incluir o pai no binômio mãe - filho. A metodologia empregada foi puramente qualitativa, consistindo em um relato de experiência de um acadêmico de medicina do 12º período acerca de sua própria vivência enquanto pai e agente motivador da sua esposa durante o período do Aleitamento Materno Exclusivo de seu filho, no período de 25 de outubro de 2015 à 25 de abril de 2016. A partir dessa experiência, observou-se que a participação paterna desde o pré-natal quebra barreiras nas dificuldades de adaptação e nos cuidados ao filho e à mãe, contribuindo no manejo e na duração eficaz da amamentação, permitindo, ainda, identificar mudanças nas atitudes dos pais que têm contribuído com essa prática do aleitamento materno, principalmente, para a interação pai - mãe - filho, indicando que a relação familiar vivida na atualidade tem modificado qualitativamente o significado do ser pai, ultrapassando o conceito do

pai tradicional, através de um sentido mais amplo, para além do papel de provedor material, a paternagem.

Palavras chaves: Aleitamento materno exclusivo. Apoio paterno. Paternagem.

## ABSTRACT

Breast milk is the most adequate food for the infant exclusively until the six months of life, but many factors have led to the early termination of exclusive breastfeeding, either by factors that discourage its maintenance or due to the complementation with other modified milk formulas. In this context, parental support can contribute significantly to the incentive and maintenance of this practice through their presence and collaboration. This study aimed to demonstrate through the analysis of an experience report the influence of paternity in the stimulation and maintenance of exclusive breastfeeding, considering the main difficulties faced by the parents in this period as well as the strategies that can be implemented to include the father in the mother - child binomial. The methodology used was purely qualitative, consisting of an experience report of a medical student of the 12th period about his own experience as a father and motivating agent of his wife during the period of Exclusive Breastfeeding of his son, during the period of 25 Between October 2015 and April 25, 2016. Based on this experience, it was observed that parental involvement from prenatal care breaks down barriers to adaptation and care for the child and mother, contributing to the effective management and duration of the And also to identify changes in the attitudes of parents who have contributed to this practice of breastfeeding, mainly for parent - child interaction, indicating that the family relationship experienced today has qualitatively modified the meaning of the father, Bypassing the concept of the traditional father, through a broader sense, beyond the role of material provider, paternity.

Key words: Exclusive breastfeeding. Parental support. Paternity.

## INTRODUÇÃO

Partindo da idéia central de que o ser humano sendo um mamífero possui como característica ímpar a presença de glândulas mamárias nas fêmeas, as quais vão produzir o leite necessário à alimentação dos filhotes. Infere-se, então, que o ato de amamentar é puro instinto de nossa espécie, logo, deveria ser a regra e não a exceção. O aleitamento materno faz parte do processo reprodutivo da espécie humana e constitui elemento essencial para o desenvolvimento saudável dos bebês. O ato de amamentar vai muito além do que apenas alimentar a criança, percebe-se um profundo envolvimento entre mãe e filho, gerando inúmeros benefícios para ambos.

Pode-se citar como vantagens do aleitamento materno para a mulher, por exemplo, que o aleitamento contribui na diminuição do sangramento uterino pós-parto, pois a involução uterina ocorre mais rapidamente, devido a maior liberação de ocitocina, como também propicia que a mulher retorne ao peso pré-gestacional mais precocemente, ha ainda uma relação positiva entre amamentar e apresentar menos doenças como câncer de ovário e de mama (REA, 2004).

O leite materno é essencial para a saúde das crianças nos primeiros meses de vida, pelo fato de ser o melhor e mais completo alimento, pois, já fornece água, possui fatores de proteção contra infecções comuns dessa faixa etária, é livre de contaminação e perfeitamente adaptado ao metabolismo da criança (BRASIL, 2002), além de ter fácil digestão, diminuindo a chance do bebê desenvolver cólicas e enjôos e pode atuar também como uma barreira imunológica protegendo contra alergias e prevenindo o desenvolvimento de doenças cardiovasculares (LEVY E BÉRTOLO, 2008).

Do ponto de vista psicológico, o aleitamento materno também promove o fortalecimento do binômio mãe-filho, e a possibilidade do envolvimento da figura paterna e demais familiares na implementação do cuidado durante esse período (BRASIL, 2007).

O Aleitamento Materno exclusivo é tido como aquele em que o bebê recebe somente o leite materno, sem acréscimo de nenhum outro alimento ou líquido, nem mesmo de água, diferindo assim de Aleitamento Predominantemente Exclusivo, em que o principal alimento da criança é o leite materno (DUARTE, 2005).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a amamentação será exclusiva durante os primeiros seis meses de vida do bebê, devendo começar então a alimentação complementar, mantendo, ainda, o aleitamento materno até os dois anos de idade. Em sua 54<sup>a</sup>Assembleia Mundial de Saúde, reafirmou a necessidade do incentivo ao aleitamento materno exclusivo, apontando, para isso, o desenvolvimento de estratégias que viabilizem essa prática, como a capacitação de profissionais de saúde em serviço, a criação da estratégia do Hospital Amigo da Criança e o engajamento das mães através do acesso à informação, com o objetivo de otimizar as práticas de alimentação infantil e superar dificuldades encontradas durante o processo de aleitamento (OMS, 2001).

Essa recomendação para que o bebê receba aleitamento materno exclusivo nos seis primeiros meses de vida baseia-se em fortes evidências epidemiológicas das inúmeras vantagens da amamentação nesse período, como as demonstradas anteriormente, acrescentando a essas a redução da mortalidade infantil devido a causas comuns na infância, tais como diarreia e pneumonia; o ganho de peso visível, chegando a dobrarem de peso desde o nascimento até os seis meses e que, atrelado a isso tem-se a questão de que o leite materno é barato e não corre o risco de ser contaminado com bactérias, como pode ocorrer com outros leites e mamadeiras (BRASIL, 2009).

No Brasil, em meados de 1980, o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (PNIAM), juntamente com órgãos internacionais como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a OMS, algumas organizações não-governamentais (ONGs) e a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) contribuíram para o aumento da duração e da taxa de AME, que nesta época não passava de 2% até os 6 meses (VICTORA, 2015). Dados do Ministério da Saúde de 2009 mostram que a prevalência do aleitamento materno exclusivo em menores de 6 meses teve um aumento considerável, beirando os 41,0% no conjunto das capitais brasileiras e DF, porém bem abaixo do esperado pela OMS, que seria entre 90 - 100% das crianças nessa faixa etária (BRASIL, 2009). Esses dados evidenciam que as estratégias utilizadas pelos órgãos envolvidos na implementação da AME, ainda não são suficientes para que as mulheres tenham sucesso em sua experiência de amamentar ou sintam-se motivadas a fazê-lo. É

preciso, utilizar-se de novos meios para sua promoção, de modo a minimizar os agentes estressores e buscar a otimização das estratégias que viabilizem a manutenção da AME.

Diante do paradoxo evidenciado entre as vantagens do aleitamento materno e a sua baixa prevalência, pode-se questionar quais seriam os motivos e fatores que levam essas mães a optar pelo desmame precoce e a introdução antecipada de outros alimentos na nutrição de seus bebês.

Elenca-se a complexidade dos estilos de vida que a modernidade impões sobre as mães e família como um todo, tais como: a divisão do trabalho pelo casal, retorno ao emprego por parte da mãe; alguns fatores ligados a própria saúde da mulher como as afecções da mama (mastite, fissura, ingurgitamento mamário, abscessos e outras) ou à saúde de seus bebês (fenilcetonúria, galactosemia); atrelado a isso temos ainda: os mitos impostos pela cultura ou religião e passado de geração em geração (pouco leite, leite fraco, flacidez e queda das mamas, o local de amamentar) e interferência das avós, amigos e parentes; e não menos importante o recurso do uso de bicos e chupetas, que podem interferir no modo de sucção da criança e levar ao desmame precoce. Esses fatores parecem exercer maior influência sobre a amamentação do que os benefícios e vantagens do leite materno sobre as fórmulas e leites artificiais (MACHADO, 2004).

Como vimos muitos são os fatores que podem contribuir para que a AME seja abandonada. As experiências negativas, o desconhecimento ou ainda a falta de apoio são alguns desses fatores. Deste modo, é essencial que haja esclarecimentos e apoio a respeito da amamentação e seus benefícios, já que se trata de um momento onde há muitas dúvidas, preocupações e ansiedade por parte da mãe.

Em seu estudo Rezende *et al.* (2002), atribuiu a certos fatores um conjunto de elementos que confluem para a decisão de amamentar e que, a partir do conhecimento da existência desses elementos e sua dinâmica, poderiam auxiliar para maior efetivação de ações voltadas ao incentivo da amamentação. São eles: condições psíquico-cognitivo da mãe, nas quais estão inseridas as experiências anteriores, o significado que ela atribuí ao AME, bem como sua escolaridade; as condições biológicas da mãe e / ou da criança, como seu estado de saúde, a idade, ou a existência de intercorrências negativas para ambos; e o apoio social que corresponde aos mecanismos com os quais pode contar a mãe para a manutenção do AME, sendo composto pelos vários elementos sociais que estão associados a maternidade, como a qualidade do pré-natal realizado, o local de residência (se em região metropolitana ou rural), a assistência recebida durante as consultas de puericultura, a licença maternidade e a programação do retorno ao trabalho, o apoio familiar entre outros.

Culturalmente é colocado como papel da mulher a maior responsabilidade pela gestação e criação dos filhos, o que inclui a exigência da implementação do aleitamento materno. Atualmente, tem se enfatizado a necessidade de focalizar também os homens como co-atores em todo processo (DUARTE, 2005). Desta forma, essa atuação direta que o pai pode exercer, discutindo, informando e sobretudo motivando a companheira sobre os benefícios que o aleitamento materno exclusivo pode oferecer, tanto para a criança como para a mãe, otimiza a promoção do bem-estar necessário para a manutenção do AME.

No passado, o conceito de envolvimento paterno enfocava principalmente a quantidade de envolvimento, sem atentar para o seu conteúdo e qualidade (PLECK, 1997). A caracterização geral da figura do pai que antes era tida apenas como ausente ou presente, foi sendo moldada, ao longo dos anos, na qualidade do envolvimento, voltando o olhar para os pais e não apenas para os comportamentos paternos (JAIN et al., 1996). Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985), caracterizaram esse envolvimento paterno sob a ótica de três aspectos: a interação, a acessibilidade e a responsabilidade. Interação refere-se ao contato direto com o filho em cuidados e atividades compartilhadas; acessibilidade à disponibilidade (física e psicológica) para a criança, possibilitando a ocorrência de interações; e a responsabilidade diz respeito ao papel que o pai exerce, garantindo cuidados e recursos para a criança, incluindo ainda a ansiedade, as preocupações e os planejamentos que fazem parte da paternidade.

O papel que o pai exerce hoje, embora ainda não apresente um grande crescimento quantitativo, denota um maior desejo de participação na criação de seus filhos, acompanhado de uma nova capacidade de paternidade, cujas características estão mais associadas à figura materna (REZENDE E ALONSO, 1995).

Atualmente, a participação masculina nas diversas etapas do processo reprodutivo tem recebido mais ênfase, embora, este tema ainda seja pouco explorado no Brasil, uma vez que as pesquisas têm se debruçado sobre o binômio mãe e filho, deixando de lado em muitas vezes a figura do pai (DUARTE, 2005). Desta forma, compreender e promover este envolvimento é primordial para que se possa contar com a figura do pai enquanto agente motivador à decisão da mulher por amamentar, bem como na manutenção do AME.

O auxílio paterno nos cuidados com a criança proporciona uma interação precoce e muito mais intensa entre pai e bebê, o que favorece o crescimento saudável da criança e transmite segurança à mulher (OLIVEIRA e BRITO, 2009). Essa segurança pode contribuir para o aleitamento materno, pois pode transmitir uma serenidade maior à mulher que está amamentando, inclusive diante dos variados agentes estressores ao AME. A participação do homem durante o ato de cuidar, representa um alicerce à vivência do casal, contribuindo na consolidação da estrutura familiar (OLIVEIRA e BRITO, 2009). Dessa forma, se garante o estabelecimento de vínculo entre todos os seres envolvidos, tornando essa aproximação mais significativa.

Com a instauração desse vínculo, busca-se superar o modelo de paternidade hegemônico e ultrapassado, do "pai provedor", em prol de uma vivência paterna mais presente, intensa e colaborativa, onde o pai decide ser um "novo pai", baseado na idéia da "paternagem", para além da paternidade, onde o pai se torna fundamental para a criança e não apenas o responsável biológico pela sua origem. Exercendo, assim, papel principal junto a figura materna no crescimento e desenvolvimento da criança.

Devido a importância do Aleitamento Materno Exclusivo para o binômio mãe-bebê, e levando-se em conta as dificuldades enfrentadas pela mãe durante os seis meses de amamentação exclusiva, vê-se a relevância deste estudo em demonstrar a necessidade de extrair da figura do pai a influência motivadora de sua presença constante durante esse processo, através do papel da paternagem, garantindo, assim,

que haja condições favoráveis à manutenção e conseqüente sucesso na implementação do aleitamento materno exclusivo.

Este artigo tem como objetivo geral demonstrar através da análise de um relato de experiência a influência da paternagem no estímulo e manutenção do aleitamento materno exclusivo; e como objetivos específicos: promover a prática do Aleitamento Materno Exclusivo; incentivar a presença da figura paterna na promoção do AME; compartilhar a experiência da paternagem no AME; compreender as dificuldades dos pais no apoio ao AME e propor estratégias para incluir o pai no binômio mãe-bebê

## METODOLOGIA

Levando-se em conta o objeto de estudo deste artigo, a abordagem qualitativa de pesquisa é a que mais se adapta a idéia proposta, pois, segundo Minayo (1993), “é a que melhor incorpora a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.” Desta forma, vê-se que a pesquisa qualitativa enfatiza mais o processo do que o resultado e se preocupa em retratar a perspectiva de quem está relatando algo, ou seja, ela interessa-se pela maneira como as pessoas se expressam e falam sobre o que é importante para elas. Logo, estamos diante de um estudo puramente qualitativo, delineado dentro dos moldes da pesquisa descritiva, vivenciado por um acadêmico que está cursando o Estágio Curricular Supervisionado, área hospitalar, do 12º período do Curso de Graduação em Medicina da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, e consiste em um relato de experiência acerca de sua própria vivência enquanto pai e agente motivador da sua esposa durante o período do Aleitamento Materno Exclusivo de seu filho, no período de 25 de outubro de 2015 à 25 de abril de 2016. O texto busca transferir ao leitor, as impressões, abordagens, questionamentos, e, sobretudo, as atitudes acertadas que levaram a influência e a manutenção do aleitamento exclusivo de seu filho durante o período de seis meses preconizado pela OMS.

## DISCUSSÃO:

Este relato baseia-se na vivência deste autor acerca de sua experiência, enquanto pai, no incentivo e dedicação à sua esposa e filho durante o período preconizado pela OMS de seis meses de amamentação exclusiva. Estando estruturado de acordo com a cronologia dos fatos mais relevantes neste processo de fortalecimento do vínculo Pai – Mãe – Bebê. Tem início com a recepção da notícia da paternidade e a aceitação dessa nova condição, como passo seguinte, ressalta-se a busca por informações e auxílio acerca da gravidez e posterior puerpério, levantando a importância fundamental da quebra do paradigma de “pai provedor x pai participante” a partir da ótica e vivência da paternagem; abordando, ainda, os meios de participação efetiva implementados durante o pré-natal, trabalho de parto e pós-parto, em seguimento a isso tem-se a decisão conjunta por amamentar através da prática diária assumida acerca da assistência paterna à promoção do aleitamento materno exclusivo; e, por fim, demonstra-se as principais dificuldades enfrentadas nesse processo, e as alternativas implementadas com sucesso à

estes fatores estressores do apoio paterno durante esta experiência de apoio à amamentação exclusiva.

De acordo com o relato da experiência do autor:

*"Quando recebi a notícia de que seria pai, logo me veio à cabeça a celebre frase do escritor das histórias em quadrinhos do Homem-Aranha, Stan Lee, de 1962, que diz 'Com grandes poderes, vem grandes responsabilidades', e, sua interpretação dentro do contexto da paternidade, revela o primeiro grande diferencial à todo processo descrito neste relato, eu decidi aceitar a responsabilidade de ser pai"*

Aceitar ser pai, não é simplesmente concordar com o fato de que sua companheira está grávida, está além disto, é entender que ambos estão grávidos, e diante disso lançar-se por inteiro ao mistério que envolve participar desta experiência, e se sedimenta na idéia de que sua vida agora é responsável pela existência de outro ser, não é apenas dividir uma parte da rotina com a criança que está por vir, mas doar-se integralmente a todo processo, antes mesmo da concepção. Essa doação é sentida pela mulher que passa a enxergar no companheiro o alicerce sob o qual vai construir sua figura materna, compartilhando seus medos, tristezas e dúvidas, bem como sua alegria, felicidade e o prazer que a maternidade lhe trará.

De acordo com o relato da experiência do autor:

*"Permitir-me à paternidade foi a escolha mais acertada que pude fazer, pois me proporcionou uma experiência ímpar, me fazendo evoluir como homem, e adotar uma postura mais coerente e assertiva diante das demais áreas de minha vida, além de ter proporcionado as condições necessárias que viabilizaram a maternidade de minha esposa, e o desenvolvimento do meu filho. Isto é aceitar ser pai."*

Após a surpresa da notícia da gravidez, inicia-se a busca por informações a respeito do estado de gravidez, bem como meios necessários que viabilizem a condução do percurso da gestação.

De acordo com o relato da experiência do autor:

*"Na fase inicial da gestação, debruçei-me, junto a minha esposa, em busca de toda fonte possível, que agregasse valor as impressões que já tínhamos, ressalto que a importância do apoio e conselhos de familiares e de amigos foram indispensáveis, assim como a consulta a sites de pesquisa, e as redes sociais foram também utilizadas, porém com a ressalva de que as informações obtidas até então serviriam, apenas, para levantamento de questões a serem abordados durante as consultas do pré-natal, com o médico obstetra responsável pelo acompanhamento da gravidez."*

As participações em cursos para 'pais de primeira viagem', devidamente credenciados e implementados por profissionais da área de assistência materno-infantil, podem ser de grande ajuda, dentro dessa construção dos papéis maternos e paternos acerca da gestação e durante os futuros cuidados que serão administrados ao bebê.

De acordo com o relato da experiência do autor:

*"Foi através da busca por informação que descobri aquilo que considero como o divisor de águas da minha experiência como pai: A paternagem."*

Segundo Mota (2015) “Vale a pena conceituarmos a diferença entre paternidade e paternagem: A primeira, apenas biológica (seja ela aceita ou não), pode ser “confirmada” pelo exame de DNA. A segunda, que tem muito mais a ver com o afetivo e emocional, firma-se no cuidar, no estar presente, no nutrir e fazer realmente a diferença”. Ele completa o conceito mais adiante, abrangendo as estratégias de cuidado à figura materna, quando diz que “Paternagem, é ainda, estar presente sempre que necessário, não só para ele, mas também para a mãe. É apoiá-la e saber que a maternidade pode ser difícil, dolorosa e cansativa, dia após dia”.

De acordo com o relato da experiência do autor:

*"Até então, mesmo com todo acompanhamento e apoio ofertados, entendia a paternidade sob a ótica do pai provedor, aquele que não deixa faltar nada, que trabalha por demanda, por exemplo, 'compre mais lenço umedecido', 'traga-me uma fralda', 'preciso que me leve à consulta amanhã', o pai expectador do majestoso 'espetáculo da amamentação', que achava lindo ver sua esposa conversar com o seu bebê sozinha porque não queria atrapalhar o momento que era deles."*

Ao absorver o conceito de paternagem, passa-se a assumir, verdadeiramente o papel de pai atuante/ participante, otimizando os cuidados dispensados a mulher e ao bebê. O ato de paternar, já durante a gravidez, rompe esse modelo tradicional de paternidade, fazendo com que o homem perceba que é importante e indispensável, ao passo que, cria e dissemina sentimentos de afeto e fortalece a construção do trinômio pai – mãe – filho, através das alegrias da expectativa do nascimento, bem como da entrega paterna ao papel de criar os filhos que culturalmente era reservado apenas as mães.

De acordo com o relato da experiência do autor:

*"Durante todo o pré-natal, optei por ser o pai que questionava o médico a respeito do que era melhor para sua esposa e filho, o pai que levava as perguntas anotadas num papel, o pai que segurava a mão da sua esposa durante a avaliação ginecológica, e se emocionava ao ouvir os batimentos do coração no sonar, procurei evitar ao máximo ser aquele pai que aguardava a saída da esposa do consultório, meu filme predileto passou a ser o exame de ultrassonografia que de tempos em tempos acompanhava ansioso e ficava ainda mais feliz por ver que estava tudo bem, e perceber que a cada dia tirava um pouco da aflição pela expectativa da chegada do nosso bebê. Em todos esses momentos me fiz presente e atuante, fazendo jus ao dito popular que diz 'Estamos grávidos'."*

Na literatura acerca do tema, observa-se uma tendência à manutenção da figura do pai sempre próximo a mãe. De acordo com a Lei Federal nº 11.108, de 7 de abril de 2005, o SUS deve garantir o direito das mulheres a ter acompanhante, independente do sexo, durante o pré-parto, parto e pós-parto imediato. Inclusive isso é recomendação da OMS. O acompanhante deve ser escolhido pela mulher. Mas, infelizmente, existe muita resistência no cumprimento dessa lei, principalmente quando o acompanhante é um homem, ainda que seja o pai da criança. Embora existam inúmeras campanhas educativas propostas por ONG's, que tem massificado o incentivo a essa pratica, levantando a bandeira de que 'Pai não é visita', ainda se mostra um verdadeiro tabu a

inserção da figura paterna diante do acompanhamento integral de todo o processo que engloba a permanência da mulher na maternidade.

De acordo com o relato da experiência do autor:

*"A peculiaridade de ser estudante de medicina me reservou surpresas ainda maiores, visto que pude atuar diretamente no trabalho de parto de minha esposa, desde as primeiras contrações, até a ida à maternidade. Não era apenas o profissional que estava ali, mas o pai de seu filho que dançava junto a ela entre uma contração e outra, que respirava ofegante e gritava ao passo que cada contração chegava, que tentava tranqüilizar e explicar tudo o que estava acontecendo a seu corpo e ao bebê, cada detalhe que ajudava, uma posição diferente, segurar a mão, e calar quando era preciso. Tentei conduzir todo o trabalho de parto com a maior responsabilidade que minha futura profissão me cobrará, embora a emoção inevitavelmente estivesse presente. Na maternidade, após mais de 24 horas de trabalho de parto, na tentativa do parto normal, e devido a não progressão da dilatação do colo do seu útero, após conversar com a obstetra, entendi que aquele momento era crucial para o desenrolar do restante do parto, e, olhando nos olhos de minha esposa, disse-lhe que ela não precisava provar nada a ninguém em sua escolha pelo parto normal, pois ela já havia esperado o suficiente pelo momento que nosso bebê decidisse nascer, e que estaria do lado dela para decidir, juntos, pela cesariana. E assim aconteceu. As vinte e duas horas e trinta minutos do dia 25 de outubro de 2015, em um domingo, nascia Heitor, o nosso príncipe e a razão de nossas vidas."*

A amamentação na primeira hora de vida é recomendada pela Organização Mundial da Saúde, e corresponde ao Passo 4 da Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC). Essa é uma das estratégias prioritárias para a promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno no País e baseia-se na capacidade de interação dos recém-nascidos com suas mães nos primeiros minutos de vida. Esse contato é importante para o estabelecimento do vínculo mãe-bebê, além de aumentar a duração do aleitamento materno (REA, 2004). Compreender esse momento, é vital para que a decisão por amamentar se concretize na vida do casal.

De acordo com o relato da experiência do autor:

*"No pós-parto imediato, meu filho pôde ter o primeiro contato com o seio de sua mãe, graças ao conhecimento que adquirimos durante o pré-natal e compartilhado pela equipe de saúde que estava de plantão no dia, apontando desde cedo o nosso desejo pelo aleitamento materno exclusivo. Quero ressaltar o papel fundamental que as equipes de saúde podem desempenhar na inclusão do pai dentro do contexto da amamentação, embora esse envolvimento nas ações de cuidado ainda seja muito mal aproveitado, por parte dos próprios serviços de saúde, que poderiam se esforçar mais para promover essa aproximação do pai no que concerne a promoção da saúde e do desenvolvimento das crianças. "*

É importante que a equipe de saúde perceba a figura paterna e crie alternativas de busca ativa desses pais, através de grupo de reflexão acerca do papel do pai nesse processo, bem como a capacitação das equipes nessa temática, visando fomentar o seu desejo de se envolver, estar presente, mostrando sua importância na concretização de

todo o processo, revelando suas capacidades e virtudes no cuidado das crianças. Arelado a isso, vê-se na participação das consultas posteriores com o Médico Pediatra ou da Estratégia de Saúde da Família, a oportunidade para engrandecer esse papel da paternagem, bem como estreitar os laços dos pais com o serviço de saúde.

De acordo com o relato da experiência do autor:

*"Quando optamos por amamentar nosso bebê, não estávamos dando espaço, apenas, para que todos os benefícios que o leite materno pode proporcionar a mãe e filho, já citados neste trabalho, possam ser contemplados, mas aceitamos todo o processo como sendo válido para o engrandecimento deste vínculo, em detrimento de todas as dificuldades que, por ventura, venhamos enfrentar na implementação dessa decisão. É nesse momento que muitos casais, embora tenham a vontade, o desejo, achem bonito, ou até mesmo os que compreendem o processo, acabam por voltar atrás e complementar o aleitamento, entrando nas estatísticas do desmame precoce, visto que as dificuldades e todo o contexto de instabilidade emocional na qual a mulher está inserida, logo aparecem, e não foi diferente conosco, mas coube a mim a tarefa de 'tomar as rédeas' da situação, assim, busquei estratégias variadas de mostrar-me presente e garantir a melhor abordagem para o apoio implementado, visando manter o controle emocional da minha esposa, e, conduzindo, através de minha presença, dos conselhos e escuta ativa, a manutenção do aleitamento materno exclusivo."*

Baseando-se em Sarafino (2008), podemos distribuir em cinco os tipos de abordagens à forma como o apoio a mãe é administrado nos momentos de estresse, sendo elas: emocional, instrumental, informativo, presencial e o auto apoio. Incorporá-los à prática da paternagem é vital para se garantir a melhor estratégia de cuidado ofertado as companheiras.

Dentro da categoria de apoio emocional, podemos dar atenção à mãe, conversando com ela sobre a amamentação desde a gravidez e após o nascimento também. Demonstrar afeto, ser carinhoso com a mãe e o bebê. Buscar acalmar a mãe, ter paciência, consolá-la, valorizá-la, manifestar alegria. Tecer elogios. Elevar à autoestima da mãe, valorizando-a enquanto mulher e puérpera. Encorajando-a, principalmente durante períodos de indecisão, dizendo, por exemplo, que sente orgulho da sua atitude de amamentar. Porém, devemos ter cuidado para não acuar a mãe na tentativa para que a amamentação ocorra. Já enquanto apoiador instrumental, entendemos como nosso dever ir as consultas de pré-natal. Podemos cobrar o direito de acompanhar o parto e o direito do bebê de mamar logo após o nascimento. Ajudar a mãe a se posicionar adequadamente para amamentar, e a posicionar o bebê, segurando-o, se necessário, para que a pega correta ocorra. Participar dos cuidados com o bebê, segurando-o, trocando a fralda, dando banho. Acordar de madrugada para acompanhar a mãe. Tentar fazer ajustes no horário de trabalho, a fim de estar o mais próximo possível da mãe e do bebê. Acerca do apoio informativo, o pai pode propor que gostaria de se incluir e ser incluído na prática de amamentação do bebê. Podendo, ainda, prover informações sobre problemas quando necessário, bem como aconselhamentos. No apoio presencial, devemos estar próximos o suficiente para contemplar o bebê e fazer com que sinta sua presença, através do contato com seu corpo e cheiro, estando presente durante as mamadas, fazendo companhia e conversando com a mãe. Por fim, o papel do auto

apoio, consiste no fato de reconhecer que a amamentação afetará sua vida profundamente, e ainda durante a gravidez, precisa refletir sobre suas expectativas de se tornar pai. É importante estar aberto para apoiar a mãe, comprometer-se com a amamentação, mantendo-se de prontidão para ajudar, e sobretudo, gostar da amamentação, emocionar-se, sentir-se bem, sentir orgulho e alegria com o bebê sendo amamentado. Priorizar sempre a postura de que “nós estamos grávidos”, “Eu vou amamentar”, a fim de se otimizar toda a construção de apoiador. (SOUSA, 2013).

Para facilitar a compreensão dos pais, Carvalho (2003) nos mostra os dez passos para a participação efetiva do pai no estímulo e conseqüente manutenção do aleitamento materno exclusivo: Encorajar e incentivar sua mulher a amamentar; Dividir e compartilhar as mamas com o bebê; Sempre que possível, participe do momento da amamentação; Seja paciente e compreensivo; Sinta-se útil durante o período da amamentação; Mantenha-se sereno; Procure ocupar-se mais dos outros filhos; Fique atento as variações do apetite sexual de sua mulher e não trazer para casa latas de leite, mamadeiras e chupetas.

De acordo com o relato da experiência do autor:

*"Como estratégias utilizadas por mim, na tentativa de aproximação, mostrava-se interessado no aleitamento, através de palavras de afirmação sempre que ela estava amamentando. Outro ponto importantíssimo foi sobre a atividade sexual. Embora percebesse que a disposição e a vontade dela em manter relações sexuais comigo estivesse em baixa, sempre utilizava do toque físico, do carinho e de massagens, para deixar 'aceso' o sentimento que respaldava nossa relação. Mas, o mais importante destas considerações é que o sucesso deste período dependeu, em grande parte, da minha atitude, de minha tomada de decisão, e da forma como abordei cada um desses dez passos em prol do estímulo e conseqüente manutenção do aleitamento materno exclusivo em seu relacionamento. O que pude constatar, diante da oportunidade de paternar meu filho, foi a que o vínculo com minha mulher era primordial para o sucesso de toda a empreitada, e seria vital que não fosse perdido, nem tampouco deixado de lado em detrimento do nosso filho, pelo contrário, houve retorno por parte dela na maioria das vezes em que procurei ofertar esses cuidados, denotando a importância, de se criar um ambiente dotado de amor, cooperação e comunhão em prol da criação de uma consciência de afeto e dedicação proporcionada a ambos."*

Embora possam parecer tarefas simples, o apoio à mulher, através da manutenção da amamentação, objetivando a criação mais adequada de seus filhos, está cercada, de inúmeras dúvidas e dificuldades, que coexistem tanto na cabeça materna, quanto na paterna. Da mesma forma que a mãe, o pai atravessa um período de adaptação quando passa do papel de companheiro para o papel de pai, o que causa um impacto bem significativo em sua vida. O medo, a responsabilidade sobre um novo ser, as mudanças no comportamento da companheira, e o reflexo desta na relação homem - mulher, estão presentes na maioria dos homens, e esse período de transição é crítico, no que se refere ao desenrolar das habilidades e desenvoltura dos pais no período antecedente ao nascimento. O aleitamento é dotado de pontos positivos e negativos, que se contrapõe no desenvolver da relação entre o pai e a mãe, visto que ocorre o aumento deste vínculo no momento do nascimento do bebê, através das emoções que podem

proporcionar uma aproximação do casal, entretanto, o distanciamento físico e sexual, é notório com o passar dos tempos, pois existe uma carga de responsabilidade sobre a mãe, que passa por vezes a desconsiderar as necessidades do companheiro, daí a necessidade do pai se fazer presente e atuante para minimizar essas lacunas e promover a melhor atenção possível a mãe – bebê. Outro ponto bem presente na vivência do pai quanto a este período é a falta de compreensão do mesmo quanto a todo processo de lactação, dificultando a adesão da mãe a esta prática.

De acordo com o relato da experiência do autor:

*"Desde a descoberta de que seria pai, busquei enfatizar a importância de se buscar informação e esclarecimentos acerca do tema, desde o início da gestação, compreendendo a importância do envolvimento em programas de educação em saúde materno - infantil, embora tenha sentido dificuldade dessa acolhida pelas equipes de saúde, que deveriam ser melhor capacitadas para tal, de modo a dar orientação quanto a todo processo de reprodução humana bem como o papel do aleitamento materno como ferramenta de promoção de saúde, possibilitando assim uma visão mais ampla do processo. Senti à necessidade de incentivar, de acompanhar, de estar presente e atuante, e, sobretudo entender a minha esposa em todas as fases de desenvolvimento do meu bebê. "*

Muitas vezes os pais querem participar de todo este processo, mas sentem-se excluídos quando ouvem que amamentar é um processo que abrange apenas mãe-filho, e essa culpa está na 'conta', inclusive, das campanhas midiáticas de massa, que supervalorizam o binômio mãe - filho, em detrimento do pai, sendo necessário promover essa inclusão e valorização da paternagem, através de novas estratégias na atenção básica, bem como nos grandes serviços hospitalares, inserindo o pai em todo o processo, desde a concepção, em todo o pré-natal, parto e puerpério, visando, principalmente à manutenção do aleitamento materno exclusivo, visto que um dos fatores do desmame precoce é justamente a falta desse apoio do companheiro, trazendo prejuízo ao desenvolvimento infantil. Preparar esse parceiro para a nova situação de pai é essencial para sua compreensão das modificações que ocorrerão no círculo familiar com a vinda do bebê e, a partir de então, melhorar a sua participação e ajuda no período da amamentação exclusiva.

De acordo com o relato da experiência do autor:

*"Nos primeiros dias após o nascimento de meu filho, estive presente o tempo todo, incentivando, motivando e sobretudo me envolvendo com a amamentação de meu filho, porém, a licença paternidade ainda era de cinco dias e esse foi um dos pontos mais negativos de todo o processo de paternagem que vivenciei, pois, o tempo que passava fora de casa, trabalhando, era o que mais dificultava a minha participação na cuidado com meu filho. "*

Antigamente a licença paternidade era de somente 5 dias, um tempo muito curto, se comparado ao período de licença-maternidade, de 180 dias (6 meses). Essa diferença está ligada, em parte, à necessidade de recuperação física da mulher, contando também o trabalho que terá com o bebê. Hoje, a licença paternidade subiu de 5 para 20 dias. Essa mudança vem de encontro à nova mentalidade relativa ao papel do pai antes,

durante e depois da gravidez da esposa. O pai deve acompanhar todo o pré-natal, dar suporte à mulher após o parto e desenvolver um vínculo forte com a criança. Apesar de não ser o período ideal e ainda não contemplar todos os pais (apenas os que trabalham em empresas credenciadas no programa do governo federal “Empresa Cidadã”, de acordo com o Decreto nº 7.052/2009), esta ampliação deve ser encarada como passo inicial para a inserção da figura paterna, que vem a cada dia se modificando e mostrando sua importância nesse período inicial, denotando maior abertura a sua participação de modo a promover mais contato efetivo para o início do estabelecimento do vínculo de afeto e responsabilidade com os filhos e apoio à mulher nessa fase inicial.

De acordo com o relato da experiência do autor:

*“Todas as dificuldades enfrentadas desde a gestação até o puerpério, foram duras e severas com meu casamento, mas serviram de grande valia para o fortalecimento do meu vínculo com minha esposa. O querer estar por perto, junto, fizeram sempre parte de minha rotina enquanto pai. Hoje, após um ano do nascimento do meu filho e seis meses de amamentação exclusiva com sucesso, ele ainda mama, mas como complemento. Ele está crescendo e se desenvolvendo da maneira mais saudável possível, graças a uma força tarefa conjunta entre minha companheira e eu, em prol do melhor possível para ele. A conquista desse vínculo, denota o quanto foi importante, e, ainda é, estar presente, desejar estar inserido nesse contexto, entendendo sua importância no processo, encarar todos os desafios e receber como maior gratificação por tudo isso, o singelo sorriso, junto com um olhar de admiração e o som da palavra 'papai'.”*

## CONCLUSÃO

O compartilhamento desta experiência e a conseqüente realização deste trabalho, nos faz concluir que o aleitamento materno é muito importante, principalmente nos seis primeiros meses, pois apresenta aspectos nutricionais, imunológicos, de desenvolvimento emocional, satisfazendo assim as necessidades da criança. Sobretudo, a importância da participação do pai nesse período, tanto para a mulher quanto para a criança, pois quando a mulher sente-se incentivada e amada consegue amamentar com mais segurança e por mais tempo, principalmente se for por parte do pai. A participação paterna desde o pré-natal quebra barreiras nas dificuldades de adaptação e nos cuidados ao filho e à mãe, contribuindo no manejo da amamentação, evitando assim o desmame precoce, motivado inclusive por desconforto materno e falta de incentivo. Por fim, permitiu-nos, ainda, identificar mudanças nas atitudes dos pais que têm contribuído não só para a prática do aleitamento materno, mas, principalmente, para a interação pai - mãe - filho, indicando que a relação familiar vivida na atualidade tem modificado qualitativamente o significado do ser pai. Nesse sentido, o “novo pai” ultrapassa o conceito do pai tradicional, dotando a paternidade de um sentido mais amplo, para além do papel de provedor material, a paternagem. Todavia, faz-se necessário a implementação de políticas públicas direcionadas a inserir os pais no contexto dos cuidados e das experiências mais afetivas, como o aleitamento materno exclusivo.

## REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Ministério da Saúde, Saúde da Criança: Nutrição Infantil. **Aleitamento Materno e Alimentação Complementar**. Normas e Manuais Técnicos – Caderno de Atenção Básica Número23. Brasília, 2009. Disponível em <[http://dab.saude.gov.br/caderno\\_ab.php](http://dab.saude.gov.br/caderno_ab.php)>. Acesso em: 02 novembro 2016.
2. BRASIL. Ministério da Saúde, UNICEF Secretaria de Atenção à Saúde. **Promovendo o Aleitamento Materno**. 2 ed. Brasília: Total Editora, 2007. Disponível em<[http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id\\_area=1461](http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id_area=1461)>. Acesso em: 02 novembro 2016.
3. CABRAL, P. P. ; BARROS, C. S. ; VASCONCELOS, M. G. L. ; JAVORSKI, M. ; PONTES, C. M. **Motivos do sucesso da amamentação exclusiva na perspectiva dos pais**. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2013 abr/jun;15(2):454-62. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i2.16996>. Acesso em: 05 novembro 2016.
4. CARVALHO, K. N. **Os dez passos da participação do pai no aleitamento materno**. 2003. Disponível em: <<http://www.aleitamento.org.br/pai/>>. Acesso em: 02 novembro 2016.
5. COSTA, C. R. **Representação do papel do pai no aleitamento materno** / Cleise dos Reis Costa. Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto / Nutrição Clínica, 2007. Disponível em: <[https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/62560/2/124142\\_33M.pdf](https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/62560/2/124142_33M.pdf)>. Acesso em: 05 novembro 2016.
6. DUARTE, G.A **Vivências de casais com o aleitamento materno do primeiro filho**. 145 f. São Paulo. Faculdade de Ciências Médicas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000364704>>. Acesso em: 05 novembro 2016.
7. FERNANDES, E. R. L. **Vivência do homem/pai no processo da amamentação do filho**. 2003. 110f. Tese (Mestrado em Ciências da Saúde). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Fortaleza, RN, 2003. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/enfermagem/resource/pt/bde-16617>>. Acesso em: 11 novembro 2016.
8. GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. **O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 20, n.2, p. 119-125, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a04v20n2.pdf>>. Acesso em: 05 novembro 2016.
9. JAIN, A.; BELSKY, J.; CRNIC, K. **Beyond fathering behaviors: types of dads**. Journal of Family Psychology, v. 10, n.4, p. 431-442, dec., 1996. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/index.cfm?fa=buy.optionToBuy&id=1996-07021-005>>. Acesso em: 05 novembro 2016.
10. LAMB, M. E., PLECK, J. H., CHARNOV, E. L., & LEVINE, J. A. **Paternal behavior in humans**. American Zoologist, 1985. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/3883043?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/3883043?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 17 novembro 2016.
11. LEVY, L.; BÉRTOLO, H. **Manual de Aleitamento Materno**. UNICEF, Lisboa, p. 5-41, 2008. Disponível em: [http://www.unicef.pt/docs/manual\\_aleitamento.pdf](http://www.unicef.pt/docs/manual_aleitamento.pdf). Acesso em 14 novembro de 2016.

12. MACHADO, M. C. M. et al. **Determinantes do abandono do aleitamento materno exclusivo: fatores psicossociais.** Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 48, n.6, p.985-994, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102014000600985&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102014000600985&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 05 novembro 2016.
13. MATOS, N. J. ; OLIVEIRA, N. S. DE, ; COELHO, M. M. F. ET AL. **Percepção e Apoio Dispensado pelo Pai na Manutenção do Aleitamento Materno.** REV ENFERM UFPE ON LINE., RECIFE, 9(5):7819-25, MAIO, 2015. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/.../12197>>. Acesso em: 05 novembro 2016.
14. MINAYO M. C. S. **O desafio do Conhecimento.** Pesquisa Qualitativa em Saúde. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec; 1993. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1992000300013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1992000300013)>. Acesso em: 05 novembro 2016.
15. MOTA, C. **Paternagem - mais do que ser pai.** 2015. Disponível em: <<https://essatalpaternidade.wordpress.com/2015/04/23/paternagem-mais-do-que-ser-pai/>> Acesso em: 13 de novembro 2016.
16. OLIVEIRA, E. M. F.; BRITO, R. S. **Ações de cuidado desempenhadas pelo pai no puerpério.** Escola Anna Nery Revista de Enfermagem. Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 595-601, jul/set. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452009000300020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000300020)>. Acesso em: 02 novembro 2016.
17. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Evidências científicas para os Dez Passos para o sucesso do aleitamento materno.** Brasília: OPAS; 2001. Disponível em: <<http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/pt/ses-22680>>. Acesso em: 05 novembro 2016.
18. PLECK, E. H. **Paternal involvement: Levels, sources, and consequences.** In M. E. Lamb (Ed.), The role of the father in child development (3rd ed., pp. 66–103). New York: Wiley (1997). Disponível em: <<http://jfi.sagepub.com/content/early/2015/12/11/0192513X15622415.full>>. Acesso em: 05 novembro 2016.
19. PONTES, C. M. ; ALEXANDRINO, A.C. ; OSÓRIO, M. M. **O envolvimento paterno no processo da amamentação: propostas de incentivo.** Rev. bras. saúde materno - infantil. 2009;9(4): 399-408. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-38292009000400003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292009000400003)>. Acesso em: 05 novembro 2016.
20. REA, M. F. **Os benefícios da Amamentação para a saúde da mulher.** J. Pediatr. (Rio J.), Porto Alegre, v. 80, n. 5, Nov. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S002175572004000700005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S002175572004000700005&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 11 novembro 2016.
21. REZENDE, A. L., ALONSO, I. L. **O perfil do pai cuidador.** Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/38153/40888>>. Acesso em: 07 novembro 2016.
22. SERAFIM, D. **Estudo das opiniões do pai sobre o aleitamento materno e sua participação neste processo.** Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 9-19, 1999. Disponível em:

- <<http://www.journals.usp.br/jhgd/article/viewFile/38589/41432> >. Acesso em: 15 novembro 2016
23. SARAFINO, E. P. **Health psychology: biopsychosocial interations**. 6th ed; Danvers/USA. Wiley, 2008. Disponível em <<http://whitemyth.com/sites/default/files/downloads/UniDocs.pdf>>. Acesso em 19 de novembro de 2016.
  24. SOUSA, A. M, et al. **Práticas familiares relacionadas à manutenção da amamentação: revisão da literatura e metassíntese**. Revista Pan-americana de Salud Pública. 2013. Washington, vol.34 n.2. ISSN 1020-4989. Disponível em <[http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1020-49892013000800008](http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892013000800008)> Acesso em 19 de novembro de 2016.
  25. VICTORA, C. **Amamentação no Século 21: epidemiologia, mecanismos e efeitos ao longo da vida**. The Lancet, England. 2015. Disponível em: <<http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/ess/v25n1/Amamentacao1.pdf>>. Acesso em: 05 novembro 2016.